

# revista cidades



 UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL

# equipe editorial

**Cidades** é uma publicação voltada à divulgação de pesquisas e reflexões que envolvem a compreensão da problemática urbana a partir de um olhar preferencial, mas não exclusivamente geográfico.

Fundada em 2002 sob a responsabilidade do Grupo de Estudos Urbanos (GEU), ela está hoje sediada na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) sob a responsabilidade de um Conselho Editorial que, em 2020, assumiu a revista sob o compromisso com a pluralidade na produção do conhecimento no campo dos estudos urbanos.

A revista tem como objetivo contribuir para ampliar nossa capacidade de ler e interpretar o processo de urbanização e as cidades num período em que tem se aprofundado a complexidade das relações que orientam processos e dinâmicas e se aceleram o ritmo das transformações.

Cidades está vinculada à linha de pesquisa Produção do espaço urbano-regional do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFFS.

Publicação sob responsabilidade da Universidade Federal da Fronteira Sul Rodovia SC 484 - Km 02, - Chapecó, SC, Brasil. CEP 89815-899  
ISSN (online) 2448-1092

[cidades.uffs.edu.br](http://cidades.uffs.edu.br)  
@revistacidades



Programa de  
Pós-Graduação  
em Geografia

**volume 15 | número 24 | ano 2023**

## Conselho editorial

**Dr.<sup>a</sup> Catherine Chatel**

Université Paris Cité, França

**Dr. Igor Catalão**

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

**Dr. Márcio José Catelan**

Universidade Estadual Paulista, Brasil

**Dr. Oscar Sobarzo**

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

**Dr. William Ribeiro**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

## Responsável editorial

**Dr. Igor Catalão**

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

## Direção de arte e design

**Arq. e Urb. Amanda Rosin de Oliveira**

Universidade de São Paulo, Brasil

## Equipe de apoio

**Me. Carliana Grosseli**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

**Me. João Henrique Zoehler Lemos**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

**Vitor Hugo Batista**

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

## Bibliotecária responsável

**Franciele Scaglioni da Cruz**

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

## Projeto gráfico e diagramação

**AROLab | Amanda Rosin de Oliveira**

Capa: Colagem autoral por Inayara Sampaio




Esta revista está licenciada sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.



## Conselho Editorial Internacional


Dr.<sup>a</sup> Alicia Lindón, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, México, alicia.lindon@gmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Ana Fani Alessandri Carlos, Universidade de São Paulo, Brasil, anafanic@usp.br  
Dr. Angelo Serpa, Universidade Federal da Bahia, Brasil, angeloserpa@hotmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Aurélia Michel, Université Paris Cité, França, aurelia.michel@univ-paris-diderot.fr  
Dr. Carles Carreras, Universitat de Barcelona, Espanha, ccarreras@ub.edu  
Dr.<sup>a</sup> Carme Bellet, Universitat de Lleida, Espanha, carme.bellet@udl.cat  
Dr.<sup>a</sup> Claudia Damasceno, École des Hautes Études en Sciences Sociales, França, claudia.damasceno@ehess.fr  
Dr.<sup>a</sup> Diana Lan, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Argentina, dlan@fch.unicen.edu.ar  
Dr.<sup>a</sup> Doralice Sátyro Maia, Universidade Federal da Paraíba, Brasil, dsatyromaia@gmail.com  
Dr. Federico Arenas, Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile, farenasv@uc.cl  
Dr. Gabriel Silvestre, University of Sheffield, Reino Unido, g.silvestre@sheffield.ac.uk  
Dr. Horacio Capel, Universitat de Barcelona, Espanha, hcapel@ub.edu  
Dr. Jan Bitoun, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, bitounjan@gmail.com  
Dr. José Borzachiello da Silva, Universidade Federal do Ceará, Brasil, borzajose@gmail.com  
Dr. Laurent Vidal, Université de La Rochelle, França, lvidal@univ-lr.fr  
Dr.<sup>a</sup> Leila Christina Dias, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, leila@cfh.ufsc.br  
Dr.<sup>a</sup> Luciana Buffalo, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, lubuffalo@gmail.com  
Dr. Luis Alberto Salinas Arreortua, Universidad Nacional Autónoma de México, México, luis\_arreortua@hotmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Maria Encarnação Beltrão Sposito, Universidade Estadual Paulista, Brasil, mebsposito@gmail.com  
Dr.<sup>a</sup> María Laura Silveira, Conicet/Universidad de Buenos Aires, Argentina, maria.laura.silveira.1@gmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Odette Carvalho de Lima Seabra, Universidade de São Paulo, Brasil, odseabra@usp.br  
Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, paulo.soares@ufrgs.br  
Dr. Pedro de Almeida Vasconcelos, Universidade Federal da Bahia, Brasil, pavascon@uol.com.br  
Dr. Roberto Lobato Corrêa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, lobatocorrea39@gmail.com  
Dr. Rodrigo Hidalgo, Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile, rodrigohidalgogeo@gmail.com  
Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Junior, Universidade Federal do Pará, Brasil, stclair-jr@hotmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Tatiana Schor, Universidade Federal do Amazonas, Brasil, tatiana.schor@gmail.com  
Dr. Vincent Berdoulay, Université de Pau et des Pays de l'Adour, França, vincent.berdoulay@univ-pau.fr

# índice




**P.05 - 08**

**APRESENTAÇÃO**



**P.09 - 10**


**POLÍTICA  
EDITORIAL**



**P.11 - 20**

**HOJE, A  
INTELIGÊNCIA  
ESPACIAL**

**JAQUES LEVY**



**P.21 - 48**

**LA  
FRAGMENTACIÓN  
SOCIOESPACIAL A  
TRAVÉS DE LA VIDA  
COTIDIANA:**  
Análisis de prácticas  
espaciales de  
habitantes de  
Marabá-PA (Brasil)


**ALEJANDRO  
MORCUENDE;  
JEAN LEGROUX**



**P.49 - 61**

**DEBATE SOBRE  
MUNICÍPIOS DE  
PEQUENO PORTE  
I NA POLÍTICA  
DE ASSISTÊNCIA  
SOCIAL**

**PAULA FONSECA  
DO NASCIMENTO**




**P.62 - 87**

**OS TERRITÓRIOS  
PERIFÉRICOS DA  
METRÓPOLE DE SÃO  
PAULO:**

Do "Desenvolvimento  
desigual e  
combinado" à  
"Desconstrução  
realmente existente"

**DANIEL MANZIONE  
GIAVAROTTI**




**P.88 - 111**

**FACES  
CONTEMPORÂNEAS  
DA URBANIZAÇÃO  
E DO URBANO NO  
BRASIL**

Um caso do  
semiárido

**DENISE ELIAS;  
RENATO PEQUENO**



**P.112 - 152**

**MOVIMENTOS  
SOCIAIS URBANOS  
E CIDADANIAS  
PERIFÉRICAS  
INSURGENTES:**

A luta dos moradores  
do Calabar  
(Salvador, BA) pelo  
direito à cidade

**RAIQUE LUCAS DE JESUS  
CORREIA; GABRIEL BARROS  
GONÇALVES DE SOUZA;  
JOSÉ EUCLIMAR XAVIER DE  
MENEZES**

# LA FRAGMENTACIÓN SOCIOESPACIAL A TRAVÉS DE LA VIDA COTIDIANA: ANÁLISIS DE PRÁCTICAS ESPACIALES DE HABITANTES DE MARABÁ-PA (BRASIL)\*

ALEJANDRO MORCUENDE

Universitat Rovira i Virgili

[alejandro.morcuende@urv.cat](mailto:alejandro.morcuende@urv.cat)

JEAN LEGROUX

Universidade Estadual Paulista

[jean.legroux@unesp.br](mailto:jean.legroux@unesp.br)

## RESUMEN

La fragmentación socioespacial es un proceso presente en las ciudades latinoamericanas desde hace algunas décadas. Numerosas propuestas giran en torno a ella, la mayoría referidas a una nueva organización urbana en forma de fragmentos cada vez menos relacionados entre sí. A pesar de ser un debate de gran alcance, tanto su definición conceptual como su empirización siguen presentando ciertas dificultades. Para contribuir a una explicación más precisa de la fragmentación socioespacial, se propone abordarla a través de la vida cotidiana. La hipótesis de partida postula que es a partir de la vida cotidiana que la fragmentación se expresa en toda su complejidad. Se trata, por tanto, de ir más allá de sus aspectos formales y visibles. En términos metodológicos, esta propuesta toma como caso de estudio la ciudad de Marabá (Brasil), en la que se realizó un trabajo de campo y entrevistas en profundidad. Analizada a través de la vida cotidiana, la fragmentación socioespacial emerge, finalmente, en diferentes escalas, en las contradicciones entre representaciones y prácticas espaciales, y en las relaciones sociales que contribuyen a coser la vida, añadiendo detalles y matices a sus rupturas.

**PALABRAS CLAVE:** fragmentación socioespacial, vida cotidiana, prácticas espaciales, Marabá



Esta revista está licenciada sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

## **SOCIO-SPATIAL FRAGMENTATION THROUGH EVERYDAY LIFE: ANALYSIS FROM SPATIAL PRACTICES OF INHABITANTS OF MARABÁ-PA (BRAZIL)**

### **ABSTRACT**

In the last decades, socio-spatial fragmentation, has been an active process in Latin-American cities. Numerous proposals which embraced it, refer, more often than not, to a new urban organization whose form is constituted by fragments each time less connected each other. Notwithstanding the large scope of the debate, some difficulties still remain in terms of its conceptual definition as well as its empirical analysis. The aim of this article is to contribute to a greater explaining precision of socio-spatial fragmentation, by approaching it through the everyday life. The starting hypothesis postulate that from the everyday life, fragmentation is understandable in a broader complexity. To do this, we try to look beyond its visible and formal aspects. In methodological terms, this proposal takes the city of Marabá (Brazil) as a case of study, in which has been realized a field research and applied several profound interviews with inhabitants. Analysed through the everyday life, socio-spatial fragmentation finally emerges at different scales, in contradiction between representations and spatial practices, and in social relationships which contributes to sewing the life, adding details and nuances to their specific ruptures.

**KEYWORDS:** fragmentación socioespacial, vida cotidiana, prácticas espaciales, Marabá

## **A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL ATRAVÉS DA VIDA COTIDIANA: ANÁLISE DAS PRÁTICAS ESPACIAIS DE CIDADINOS DE MARABÁ-PA (BRASIL)**

### **RESUMO**

A fragmentação socioespacial é, há umas décadas, um processo presente nas cidades latino-americanas. Numerosas propostas giram ao seu redor, fazendo referência, majoritariamente, a uma organização urbana nova, em forma de fragmentos cada vez menos relacionados entre eles. Apesar de ser um debate de grande alcance, tanto a sua definição conceitual quanto a sua empirização, ainda apresentam certas dificuldades. Com o objetivo de contribuir a uma maior precisão explicativa da fragmentação socioespacial, a proposta, aqui, consiste em abordá-la através da vida cotidiana. A hipótese inicial postula que é a partir da cotidianidade que a fragmentação se expressa em toda a sua complexidade. Trata-se, assim, de ir para além dos seus aspectos formais e visíveis. Em termos metodológico, esta proposta toma como caso de estudo a cidade de Marabá (Brasil), em que foi realizado trabalho de campo e diversas entrevistas em profundidade. Analisada através da vida cotidiana, a fragmentação socioespacial emerge, finalmente, em diferentes escalas, em contradições entre as representações e as práticas espaciais, e em relações sociais que contribuem na costura da vida, adicionando detalhes e matizes às suas rupturas.

**PALAVRAS-CHAVE:** socio-spatial fragmentation, everyday life, spatial practices, Marabá

# 1 | INTRODUCCIÓN

La fragmentación socioespacial ha destacado como concepto privilegiado en la comprensión de las reestructuraciones urbanas ocurridas a partir de los años 1970, especialmente en el debate latinoamericano. A pesar de partir de un consenso, la constatación de un retroceso del carácter unitario o integral de las ciudades, las distintas interpretaciones han ido instalando en una cierta confusión a dicho concepto (MORCUENDE, 2020, 2021a; LEGROUX, 2021a).

La proliferación de adjetivaciones y metáforas que buscaban consolidarlo le otorgaron cierta polisemia al término, las más veces asociado a elementos de separación propias de la práctica urbanística e inmobiliaria, haciendo referencia a objetos (los muros, las barreras, las cámaras de seguridad, los espacios residenciales cerrados) y formas: la ciudad fractal, el archipiélago, la ciudad caleidoscópica (ABRAMO, 2007), entre otros. Aquí, definimos la fragmentación socioespacial como un conjunto de procesos sociales, económicos, políticos y culturales, con origen en la contrarreforma del capitalismo de 1970. Lejos de considerarlos como propios de las abstracciones del sistema capitalista, el objetivo de este artículo es comprobar como esos procesos fragmentarios imprimen sus consecuencias en la vida cotidiana, al mismo tiempo que en ella encontramos elementos de cohesión que las enfrentan.

Este objetivo se apoya en la hipótesis por la que el análisis de las prácticas espaciales asociadas a la cotidianidad revela la complejidad existente entre las rupturas y las cohesiones fruto de la fragmentación socioespacial. En este sentido, van a analizarse los distintos modos en los que los habitantes “viven, se representan, se acomodan, evitan, se aprovechan... de los dispositivos, tendencias o imposiciones de explosión, de partición, de fragmentación, o, al contrario, de unión, de fusión, de solidaridad” (NAVEZ-BOUCHANINE, 2002, p. 8).

Este ejercicio toma a Marabá, en el Estado de Pará (Brasil), como caso de estudio, por ser una ciudad media -y no una metrópolis-, por su localización en el Amazonas Oriental, su particular proceso de urbanización, y su vinculación a los distintos ciclos extractivos e industrializadores, que hacen de este caso un mosaico de relaciones sociales y estructuras espaciales. El análisis de las diferentes entrevistas en profundidad realizadas con ciudadanos marabaenses, y los distintos trabajos de campo organizados en la ciudad, permiten responder al objetivo del artículo, por el que se explora la pertinencia teórica y metodológica de abordar la fragmentación socioespacial a partir de la vida cotidiana y las prácticas espaciales.

De este modo el artículo establece, en primer lugar, los límites del debate sobre la fragmentación, para después, definir sus relaciones teóricas y analíticas con la vida cotidiana, a través de las cuales captar el impacto de los procesos fragmentarios. A continuación, se presenta la formación sociespacial de Marabá en su contexto amazónico. Por último, se analiza el contenido de las entrevistas en profundidad realizadas, en busca de las prácticas espaciales cotidianas de tres ciudadanos de diferentes barrios de Marabá y de diferentes condiciones socioeconómicas. Es importante señalar que estos tres casos no pretenden en absoluto una generalización “sobre la fragmentación en Marabá”. Se trata más bien de comprobar las potencialidades teóricas y analíticas de la espacialización, en mapas, de las prácticas espaciales cotidianas. A través del análisis de las prácticas y de los discursos, representaciones e imaginarios a ellas asociadas, aparecen tensiones y contradicciones, así como estrategias de costura y de apropiación, que ayudan a la captura empírica de lógicas fragmentarias menos visibles pero no por ello menos importantes.

\* Esta investigación ha sido posible gracias al apoyo de la Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a través de las becas de posdoctorado (2019/04385-0) y (2019/04664-7).

## 2 | LAS RELACIONES ENTRE FRAGMENTACIÓN SOCIOESPACIAL Y VIDA COTIDIANA

A lo largo de los últimos 30 años, los procesos fragmentarios se han mostrado relevantes para la interpretación de la producción del espacio y la vida urbana. En el contexto latinoamericano, la idea de fragmentación tomó un fuerte impulso en Brasil (SANTOS, 1990; VIDAL, 1995), para luego desarrollarse de forma más amplia por todo el continente (PRÉVOT-SHAPIRA, 2001; CARIOLA, LACABANA, 2001; CAPRÓN, ARELLANO, 2006; SOUZA, 2006; SPOSITO, GÓES, 2013; JIRÓN, MANSILLA, 2014; DUHAU, GIGLIA, 2016). No obstante, existen valiosas aportaciones de otros ámbitos socioespaciales, especialmente las surgidas en el mundo francófono (LEFEBVRE, 1968, 2000 [1974]; NAVEZ-BOUCHANINE, 2002; DORIER-APPRILL, GERVAIS-LAMBONY, 2007; SÉGUIN, 2011).

Como ya ha sido mencionado, la proliferación de adjetivaciones y metáforas que buscaban consolidar dicho concepto, fueron otorgándole cierta polisemia. La mayoría de ellas, no obstante, coincidían evocando la idea de ruptura, de dispersión y de cierre, a través de expresiones como: mosaicos, archipiélagos, pedazos, fragmentos, islas, «vacíos urbanos» (SANTOS, 1990), «ciudades de muros» (CALDEIRA, 2000), «espacios cerrados» (BORSODORF, 2003) – que son asociados a un “repliegue comunitario” (PRÉVÔT-SHAPIRA, 2001).

A partir de esa bibliografía, y de ejercicios críticos previos del concepto (MORCUENDE, 2020, 2021a; LEGROUX, 2021a), se pretende abordar la fragmentación con una visión ampliada -esto es, compleja, multidimensional y multiescalar-, a la vez que establecemos sus límites conceptuales, con el objetivo de evitar algunas de las imprecisiones fruto de esa polisemia. Algunos de esos límites son: i) una explicación restringida a la intensificación, o modificación de procesos anteriores de segregación o exclusión urbana, ii) una preponderancia de lo visible, lo formal, lo cartografiable y, lo morfológico, iii) un olvido frecuente de las variables temporales en sus múltiples formas, que ayudan a explicar la dimensión espacial de la fragmentación (JIRÓN, 2010), y, iv) un peso desmedido de lo fijo, frente a la importancia del movimiento (JIRÓN, MANSILLA, 2014).

Para construir esa visión ampliada es necesario, primero, explorar los orígenes de los procesos fragmentarios, empujados por tres tendencias históricas (MORCUENDE, 2021a). En primer lugar, la quiebra del proyecto moderno, y el advenimiento de un nuevo orden económico y político, fruto de profundas transformaciones en la cultura, que se concretan espacialmente en la proliferación de espacios totales -autosuficientes-, sean estos espacios residenciales -como los espacios residenciales cerrados-, comerciales -como los shopping centers-, o recreativos -como los complejos hoteleros-, entre muchos otros. Los rasgos culturales de la posmodernidad, así como sus concreciones espaciales, apuntan a un proceso de separación física, social e individual, concretada en usos rígidos del espacio y del tiempo, en una más compartimentada vida cotidiana, y una pérdida del carácter unitario de la sociedad (DEBORD, 1967; JAMESON, 1998).

En segundo lugar, ese nuevo orden económico está caracterizado por la cronificación de la crisis en la sociedad capitalista desde 1970. Si hay una crisis capitalista permanente, no es solo porque el sistema económico muestre signos



de debilitamiento, sino por el agotamiento que la propia sociedad capitalista revela, en los aspectos económicos, sociales, reproductivos y ambientales, señalando una erosión de la vida social. Así, la crisis se refleja en una economía especulativa y financiarizada, que explota cada vez más los recursos de la población en forma de rentas. También tiene una dimensión ecológica, que ha surgido en su forma más violenta con la pandemia de la COVID-19, sumándose a otros problemas ambientales. Y finalmente, la crisis actual también tiene una dimensión en la reproducción social, en el trabajo que sustenta la existencia de las personas (BHATTACHARYA, 2017; FRASER, 2020). Todo ello hace que “la crisis que enfrentamos hoy sea una crisis de la vida tal como la conocemos” (ARRUZZA, FRASER, BHATTACHARYA, 2019, p. 131).

Por último, la urbanización diferencial completa las tendencias impulsoras de los procesos fragmentarios. La urbanización capitalista puede entenderse como el fruto de tres momentos constitutivos, no cronológicos y, por tanto, superpuestos entre sí. Con la urbanización concentrada, extendida y diferencial, se pueden sintetizar las principales transformaciones en la producción espacial de las últimas décadas (BRENNER, SCHMID, 2015). Si los procesos de concentración y extensión se han dado y se dan, a ritmos diferentes según los lugares, la urbanización diferencial viene a armonizarlos a nivel planetario, articulando las formas concentradas y extendidas de la urbanización, resaltando el carácter diferencial al superponerse estas formas, al tiempo que las destruye creativamente. Se trata de una armonización fruto de las otras dos tendencias, en las que confluyen la caída del proyecto moderno y el capitalismo en crisis. Es en la posibilidad de urbanizar todo el territorio, que los procesos diferenciales homogeneizan al mismo tiempo que lo especializan (LEFEBVRE, 2000 [1974]; BRENNER, SCHMID, 2015; MORCUENDE, 2021b).

La delimitación del concepto continua por la expresión que esas tendencias históricas tienen en lo urbano, que es donde se observan las morfologías urbanas fragmentadas, y en donde se identifica el paso de una ciudad segregada a una ciudad fragmentada. Si la primera se caracterizaba por una organización en partes o pedazos, con relaciones jerárquica entre ellas, con una lógica centro-periférica, aunque manteniendo cierta unidad, e identificadas alrededor del uso residencial, la segunda, a pesar de algunas permanencias, empieza a perder su supuesta unidad, con enclaves fruto de lógicas de exclusión y separación que no interactúan y se cierran en si mismos.

En el paso de la segregación a la fragmentación, pueden observarse dinámicas que, por un lado, representan la complejización de dinámicas anteriores, como el mayor alejamiento de las clases populares de los centros o, la dispersión urbana, y por otro, dinámicas más recientes que le son propias, como la auto-segregación (o la separación social y espacial voluntaria de las clases medias y altas), o la policentralidad, que desafía los modelos de “ciudad dual”, de “ciudad-polarizada”, y que invita a repensar la lógica centro-periferia.

Además, la fragmentación socioespacial ofrece un análisis que va más allá del ámbito residencial, para evaluar las diferenciaciones y desigualdades en las prácticas y lugares de ocio, de consumo, de movilidad, de trabajo, etc. Yendo más

allá de lo residencial, los espacios públicos y la calle se muestran con un carácter más complejo. Es el caso de los espacios residenciales que consiguen obtener autorización de cerrarse entre muros, dentro de los cuales se mantienen calles y plazas anteriormente públicas, y que se sirven de todo tipo de servicios, así como con el crecimiento de “espacios públicos de uso colectivo privado”, como los Shopping centers (SPOSITO, GÓES, 2013; SPOSITO, 2019).

En tercer lugar, además de las tendencias que generan dinámicas urbanas de carácter fragmentario, es a través de las prácticas espaciales cotidianas de los habitantes, los ciudadanos, los usuarios, que se puede investigar la fragmentación superando algunos de los puntos ciegos detallados anteriormente, y que limitan su potencial explicativo.

El nivel de análisis se sitúa aquí en la vida cotidiana, pues es en ella que se reúnen todas las escalas geográficas e interpretativas: desde las tendencias históricas y las dinámicas urbanas antes detalladas, hasta las actividades cotidianas que envuelven diariamente a los individuos y su espacio vivido. Tomando la triplicidad del espacio de Lefebvre, este espacio vivido se corresponde con los espacios de representación, esto es, el lugar de los recorridos rutinarios, de las repeticiones, de las acciones banales, y al mismo tiempo, de las posibilidades creativas, de fuga y apropiación, que pueden generar costuras y cohesiones frente a las lógicas fragmentarias (LEFEBVRE, 2000 [1974]; LEGROUX, 2021b). Lefebvre sitúa enfrente del vivido, al espacio concebido, el de las representaciones del espacio, que se presenta homogéneo, completo y acabado, y que es impuesto a través del urbanismo. Entre esos dos espacios, y en la tensión que entre ellos se establece, se encuentra el percibido, en el que Lefebvre sitúa las prácticas espaciales.

Las prácticas espaciales son aquí diferenciadas de las estrategias espaciales propias de los actores hegemónicos, pues aun expresándose con cierta cohesión, esta no es una coherencia lógicamente elaborada, ya que, como acciones cotidianas de los individuos, tienen también una dosis de imprevisibilidad e irracionalidad (LEFEBVRE, 2000 [1974]). Así, las prácticas espaciales de los habitantes, ciudadanos y usuarios son las propias en la observación empírica de los procesos fragmentarios en un sentido amplio, esto es, más allá de lo formal, de lo visible, de lo cuantitativo, de lo cartografiable.

La triplicidad del espacio otorga, así, un doble papel a las prácticas espaciales. Por un lado, son presentadas como fuertemente influenciadas por el control y la dominación del espacio concebido, que tiende a “la fragmentación, la separación, el desmembramiento, la subordinación a un centro o poder central, efectuada por el conocimiento, en nombre del poder” (LEFEBVRE, 2000 [1974], p.16). Más concretamente, en lo que aquí llamamos el capitalismo en crisis, y que Lefebvre denomina neocapitalismo, las prácticas espaciales se “asocian estrechamente en el espacio percibido, la realidad cotidiana (el uso del tiempo) y la realidad urbana (los recorridos y las redes que enlazan los lugares de trabajo, de vida “privada”, de ocio). Una asociación sorprendente porque incluye en ella la separación más avanzada entre estos lugares que une” (LEFEBVRE, 2000 [1974], p. 48). De este

modo, el espacio concebido pesa, a través de la separación, sobre las prácticas espaciales, restando unidad, coherencia y sentido; es este un punto central en el análisis empírico de la fragmentación socioespacial.

Por otro lado, las prácticas espaciales se inscriben a su vez en el espacio vivido, en donde se despliegan las complejidades, contradicciones, apropiaciones, y creaciones. Este hecho hace que la dimensión simbólica e ideológica tomen cuerpo a través de diferentes discursos, representaciones y quehaceres de los habitantes. Ese doble papel hace que las prácticas espaciales sean aquí consideradas como las acciones y estrategias -libres o impuestas; conscientes o inconscientes; alienantes o liberadoras, etc. - de personas en el espacio urbano, en un tiempo cotidiano determinado.

### 3 | METODOLOGÍA DE LA INVESTIGACIÓN

Teniendo en cuenta la propuesta del artículo, las relaciones entre fragmentación socioespacial y vida cotidiana son aquí exploradas empíricamente a través de: a) una revisión bibliográfica de la literatura reciente sobre el caso de estudio y su contexto amazónico; b) el trabajo de campo y observación en Marabá; y c) las entrevistas en profundidad realizadas con 3 ciudadanos marabaenses.

En primer lugar, la revisión bibliográfica permite periodizar la historia de Marabá, hasta llegar a la etapa más reciente dominada por la crisis de 2008. Esta revisión es imprescindible para entender las dinámicas socioespaciales propias de Marabá (en las que se entrecruzan escalas internacionales, nacionales y regionales), su organización político-administrativa, su morfología, y una aproximación a la distribución de los diferentes grupos sociales en el espacio. Se dibuja, así, el contexto urbano desde el punto de vista del espacio concebido, como contexto espacial y material donde se desenvuelven las prácticas espaciales analizadas. La revisión aparece sintetizada en la Tabla 1, en la que para cada periodo se detallan las actividades económicas, los agentes y las formas de urbanización.

En segundo lugar, los trabajos de campo – realizados, respectivamente, en octubre de 2019 y en marzo y abril de 2022– aportan elementos de carácter más etnográfico, de los que se obtiene una más detallada comprensión de los tres centros urbanos de la ciudad -característica peculiar de Marabá-, o de la centralidad que ejerce la carretera Transamazónica. En este mismo sentido, los 5 núcleos urbanos, y sus diversas centralidades internas, muchas veces en forma de ejes, fueron objeto de observaciones sistémicas. Pero también, fueron visitadas diversas áreas que contienen formas de hábitat presentes en los diferentes barrios: ocupaciones, conjuntos residenciales cerrados, conjuntos habitacionales populares del programa *Minha Casa Minha Vida* (MCMV), barrios tradicionales de casas, entre otros. En estos trabajos de campo, diversos procedimientos metodológicos fueron aplicados: entrevistas en profundidad tanto a ciudadanos como a agentes bien informados, así como los “recorridos casa-trabajo acompañados”, en la línea de la “técnica de la sombra” de Paola Jirón y Javier Gómez (2018).

El trabajo de campo y las observaciones permiten apreciar la realidad del lugar, más allá de los visores cartográficos, actuando de puerta de entrada para una comprensión del espacio vivido por las personas entrevistadas. En este sentido, la fotografía de la Figura 1, realizada al inicio de la tarde en el barrio popular *Jardim do Éden*, situado en el distrito *Morada Nova*, es ilustrativa. De reciente construcción por la alcaldía, muestra la previsión de un espacio público, cuya apropiación y uso es dificultada durante el día por el calor y la falta de árboles u otros elementos de sombra. Sin embargo, en el último trabajo de campo, se comprobó que la plaza es muy utilizada cuando el sol cae, y el establecimiento de comercios populares animan la actividad de la plaza. Reflejo de ello es también del hecho de que después de una década de existencia, los lazos de barrio y las relaciones sociales se han estrechado. El huerto comunitario también ha crecido entre los dos trabajos de campo (octubre 2019 y febrero 2022), con una producción significativa de verduras y hortalizas.

**Figura 1 - Plaza en *Jardim do Éden*.**



**Fuente: José Sobreiro Filho (con autorización).**

El tercer y último elemento metodológico consiste en las entrevistas en profundidad, a través de las cuales se pretende una aproximación empírica a la vida cotidiana y a las prácticas espaciales. El análisis de estas prácticas conduce necesariamente a la adopción de metodologías cualitativas, capaces de capturar elementos de carácter más subjetivo y simbólico: “La práctica espacial “moderna” se define, pues, por la vida cotidiana de un habitante de *HLM* en la periferia, caso extremo y significativo; lo que no autoriza a dejar de lado las autopistas o la política del transporte aéreo. Una práctica espacial debe poseer cierta cohesión, sin que esto sea equivalente a coherencia (en el sentido de intelectualmente



elaborada, concebida lógicamente” (LEFEBVRE, 2000 [1974], p. 48). Si los grandes conjuntos periféricos eran el caso extremo en la Francia de posguerra, hoy lo son los productos inmobiliarios propios de la urbanización diferencial, que para el caso brasileño -como en otros casos latinoamericanos- son los conjuntos MCMV y las urbanizaciones cerradas.

En un texto anterior el autor justificaba también el uso de las entrevistas para el análisis de las prácticas espaciales, que tomamos como propia:

De las metodologías anteriormente recordadas [se está refiriendo principalmente a los cuestionarios cerrados] resulta una consecuencia: tan sólo la entrevista no dirigida puede alcanzar el habitar. Es necesario dar la palabra a los interesados, orientando la entrevista sobre la actividad específica que el investigador estudia (aquí el habitar), pero dejando a la libre expresión.” (LEFEBVRE, 1966, p. 168, traducción de los autores).

Estas entrevistas con habitantes<sup>1</sup> se organizan alrededor de 5 dimensiones principales de sus vidas cotidianas (el habitar, el consumir, el ocio, la movilidad, el trabajo). El análisis de las entrevistas permite, por un lado, ver elementos fragmentarios “objetivos”, como la separación, las distancias, las desigualdades de renta, raza y género, y de acceso a las infraestructuras y servicios urbanos. Por otro lado, permiten ver elementos menos visibles, como aquellas prácticas espaciales cotidianas que revelan una contraposición, un cierto escape de las dinámicas fragmentarias. En este sentido, la obra “Vies Citadines” (DORIER-APPRILL, GERVAIS-LAMBONY, 2007) propone diversas categorías que pueden ser útiles para el análisis: “festejar”, “redirigir”, “anclarse”, “flanar”, evidenciando estrategias individuales y colectivas de costuras, de cohesión, de solidaridad, de creación y de apropiación. Para ello, las cuestiones del movimiento, de los tiempos, de los cuerpos y de los géneros – que requieren también de metodologías propias de la sociología y de la antropología – son igualmente importantes, cuestiones ya trabajadas por otros autores (JIRÓN, 2010; JIRÓN, MANSILLA, 2014; SOTO, 2013).

Así, el análisis de las prácticas espaciales cotidianas permite obtener una aproximación de la fragmentación socioespacial en diversas escalas y niveles de abstracción: del espacio concebido y abstracto, hacia el espacio vivido, pasando por el espacio percibido. En otras palabras, no se trata apenas de entender y describir una práctica (por ejemplo, qué recorrido hace una persona y cuánto tiempo y dinero invierte), sino también de entender el sentido, las representaciones y los discursos de aquella persona con relación a sus prácticas.

De entre todas las entrevistas en profundidad realizadas hasta hoy, se centra la atención aquí en tres de ellas, realizadas entre mayo y junio de 2020. Partiendo de un territorio históricamente fragmentado, donde los diferentes núcleos se crean ya separados los unos de los otros, como el caso de Marabá, esta elección tiene el objetivo de partir de individuos entre los cuales se identificaron diferencias que configuran desigualdades: de género, de edad, de profesión, de modelo familiar

<sup>1</sup> Esta es una de las metodologías del proyecto FragUrb – Fragmentação Socioespacial e Urbanização Brasileira (FAPESP), en el que los autores participan. En cada ciudad, se entrevistan a 24 ciudadanos de hábitats populares (conjuntos residenciales, ocupaciones y favelas) y 12 ciudadanos de clases media y alta (espacios cerrados y barrios tradicionales).

(una madre sola que vive con sus dos hijos, un estudiante que vive con sus padres y hermano, y un profesor universitario que vive solo), de localización residencial (una vive en la periferia pobre, uno en una centralidad y el último en un nuevo barrio alejado, pero de clase media-alta), y del tipo de hábitat (una vive en una casa popular dentro de un conjunto habitacional horizontal del programa estatal *Minha Casa Minha Vida*, otro vive en una casa familiar de clase media, y el último vive en un apartamento dentro de un condominio cerrado y privado).

Los guiones utilizados se estructuran en bloques correspondientes a cada una de las dimensiones empíricas. Antes, se solicita al entrevistado que describa su cotidiano, incidiendo en los horarios, actividades, trayectos, relaciones sociales, dificultades, así como sus representaciones y opiniones sobre la ciudad. Todo ello permite capturar un conjunto de informaciones de relevante interés para las hipótesis formuladas. A partir de las informaciones y discursos de estas entrevistas, se propone una representación cartográfica del “alcance espacial” -del uso y apropiación de la ciudad-, a través de las prácticas cotidianas descritas, siguiendo las propuestas de Baby-Collin (2002).

Descritas las potencialidades, es importante señalar algunos elementos que limitan esta metodología: i) los mapas producidos pretenden representar espacialmente la vida cotidiana, por lo que, resultan incompletos tomados aisladamente; apenas tienen sentido cuando son analizados a la luz de los discursos y representaciones que los acompañan; ii) la movilidad es un elemento importante de este alcance espacial y de la conexión entre las diferentes esferas del cotidiano, sin embargo, pueden darse casos en los que una movilidad amplia no indique necesariamente una mayor apropiación de la ciudad, por lo que deben analizarse otras variables a priori menos visibles, como la organización del tiempo, la importancia de las relaciones sociales, del afecto, la estima y las memorias, que crean una mayor o menor predisposición y apropiación con respecto a lo que la ciudad ofrece y a los lugares frecuentados. En este sentido, el hecho de tener una mujer soltera, con dos hijos, dentro de los casos que aquí se analizan, revela también la importancia de la variable de género, que influye en el uso del tiempo y del espacio, como por ejemplo ocurre con la movilidad, como se ha mostrado en otros contextos latino-americanos (JIRÓN, GÓMEZ, 2018; SOTO, 2013); y, iii) se recuerda que el objetivo de este texto no es un análisis exhaustivo de la vida cotidiana en Marabá, para lo que serían necesarias más entrevistas, además de otras informaciones en lo relativo a la reproducción social, los equipamientos y servicios de la ciudad, entre otras; sino señalar las contradicciones teóricas y analíticas que surgen cuando la fragmentación socioespacial es capturada a través de las prácticas espaciales cotidianas.

## 4 | MARABÁ EN EL CONTEXTO AMAZÓNICO

Se contextualiza ahora la ciudad, a partir de sus principales características urbanas y de organización socioespacial. Tras una breve descripción del contexto regional amazónico, se realiza una periodización, a través de los ciclos económicos

y de las acciones emprendidas a varias escalas, y por distintos agentes, para presentar, finalmente, una aproximación a su configuración actual, en la que se sitúan las tres personas entrevistadas.

Figura 2 - Localización del municipio de Marabá.



Mapa: (Lloberas, D., 2023). Fuentes: (OSM, 2017)

El municipio de Marabá se sitúa en la amazonia oriental, en el Estado de Pará, próximo a las fronteras de los estados de Maranhão y Tocantins, en la denominada subregión del sudeste paraense, agrupando aproximadamente a 1,8 millones de personas. En la región amazónica se combina una malla técnico-política y una malla socio-ambiental, caracterizada por un conjunto de objetos geográficos que, combinados, hacen de esta región una de las más desiguales y violentas de Brasil, y una de las fronteras más recientes de la urbanización diferencial y la integración regional brasileña (BECKER, 1982; TRINDADE Jr., 2010; RODRIGUEZ, 2010). Del total de muertes por conflictos en el campo en Brasil entre 1985 y 2019, el 66,22% ocurrieron en la amazonia, de ese porcentaje la “Amazonia occidental concentró 273 asesinatos, representando poco más del 15,04% de las

muerdes a escala nacional, [y] la Amazonia oriental sumó 929 asesinatos en el campo, o sea, una fracción superior al 51% del total nacional de asesinatos en el campo. En otras palabras puede decirse que hay una concentración significativa de asesinatos en el campo amazónico” (SOBREIRO, SODRÉ, 2021, p. 71). Por su lado, las ciudades amazónicas se sitúan entre las más violentas del país, junto a las cearenses o las bahianas, y especialmente Marabá, que se encuentra entre los municipios más violentos de más de 100.000 habitantes. Por otro lado, en 2010, Marabá presentaba un IDH de 0,668 (contra una media brasileña de 0,761), una tasa de pobreza de 23,53% y una tasa de extrema pobreza de 10,34%.

La configuración y el uso, ya de por sí fragmentados, de dichos objetos geográficos (ríos, autopistas, minas, vías férreas, industrias) ayudan a explicar las “expresiones de la urbanización que se combinan dentro de un mismo subespacio, o que acaban por revelar, en un mismo ambiente urbano, aspectos diferenciados de la dinámica económica, política, cultural en curso en el plano regional. Esta complejidad es fruto de un proceso de transformación recientes, que provocó profundas alteraciones en el paisaje urbano, pero que también nos revela residuos de una urbanización anterior que no fue definitivamente aniquilada” (TRINDADE Jr., 2011, p. 135).

La inserción de Marabá en la división territorial del trabajo está atravesada tradicionalmente por ciclos productivos de extracción (caucho, castaña y minería), una dinámica que se diversifica a partir de los años 1980. En la Tabla 1 se sintetizan las principales tendencias histórico-económicas y urbanas, organizadas, en este caso, a partir de la actividad económica principal, los agentes y las acciones que comandan en cada periodo, y el resultado de la urbanización. Se añade una última fase en referencia al capitalismo en crisis. Fuente: Elaboración propia, a partir de: RODRIQUES, 2010; SOUZA, 2015; TRINDADE Jr., 2015; SPOSITO, ELIAS y SOARES, 2016.

Ese último período se inicia con la crisis de 2008, evidenciando la dependencia de Marabá de escalas nacionales e internacionales. Algunos ejemplos que justifican este periodo son: la caída de las exportaciones de arrabio que pasaron de 241.044 toneladas en 2008 a 19.737 toneladas en 2009 (SOUZA, 2014). También el anuncio en 2008 de la construcción de una gran siderúrgica por la empresa VALE, SA, llamada ALPA, con la promesa de 3.000 empleos estables y 16.000 en la fase de construcción, nunca construida (SOUZA, 2015). Por último, cabe mencionar el Proyecto MCMV, que tuvo inicio en 2009, como respuesta del gobierno federal brasileño a la crisis de 2008, y que ha dado forma a la urbanización reciente de la ciudad.

Hoy, las actividades económicas principales de Marabá son los servicios, la industria y la agropecuaria. Las dos primeras representan juntas más del 70% del Valor Añadido Bruto municipal (recaudación de impuestos); mientras que el sector agropecuario, representa apenas el 3,55%, con un papel preponderante de la producción bovina, seguida de la producción de carne porcina, huevos, leche y pescados. En la industria, el sector de la construcción civil se ha destacado en los últimos años por su creación de empleos.



Quadro 1 - Periodización de Marabá.

Periodización	Actividades económicas	Agentes y acciones	Urbanización
<b>Ciudad de la élite del caucho (1850-1920)</b>	Extracción de caucho	Oligarquía del caucho.	Creación del municipio de Marabá (1913).
<b>Ciudad de la élite de la castaña (1920-1960)</b>	Extracción de castaña	Hegemonía de la oligarquía de la castaña, con fuertes resistencias campesinas.	Consolidación del núcleo original de <i>Velha Marabá</i> . Fuerte dependencia de los ríos y de la vía ferroviaria (inaugurada en 1944).
<b>Ciudad de la colonización oficial (1960-1980)</b>	Actividades agropecuarias y extracción maderera.	Actuación del Estado dictatorial (golpe de 1964) con infraestructuras, colonización de la Amazonia, y atracción de la iniciativa privada.  Ejemplos: SUDAM (Superintendencia de Desarrollo Económico de Amazonia); BASA (Banco de Amazonia S.A.); y SPVEA (Superintendencia del Plano de Valoración Económica de la Amazonía).	Construcción de la Transamazónica (1970), de la PA-70 (actual BR-222) que conecta Marabá a la ruta Belém-Brasília, construida en el mismo periodo.  En 1975, implantación de Nova Marabá, con un diseño en forma de hojas del árbol de la castaña. Expansión de <i>Cidade Nova</i> . Y consolidación de: <i>Velha Marabá</i> , <i>Nova Marabá</i> y <i>Cidade Nova</i> .
<b>Ciudad económica corporativa de los grandes emprendimientos (1980- 2008)</b>	Extracción y exportación de hierro  Diversificación económica con el crecimiento de la industria, de los servicios y de la actividad agropecuaria.	Instalación de la empresa <i>Vale do Rio Doce S.A.</i> , con el inicio del Proyecto Grande Carajás (PGC) (1982)  Nuevos conflictos de acceso a la tierra agraria entre madereros, propietarios de haciendas y garimpeiros.  Ejemplo: masacre de Eldorado do Carajás (1996), 19 personas asesinadas.  Crecimiento de los movimientos campesinos como el <i>MST</i> .	Instalación de la Hidroeléctrica de <i>Tucuruí</i> (1984), gestionada por Eletronorte, y la Estrada de Ferro Carajás, cuyo destino es el puerto de Itaqui ( <i>São Luis de Maranhão</i> ).  Desmembramiento de una parte del territorio de Marabá (1988): creación de las municipalidades de Curionópolis y de Parauapebas.  Creación del distrito industrial (1986).  Crecimiento de las periferias y las ocupaciones urbanas (RODRIGUES, 2010; SOUZA, 2015).  2005: expansión del Distrito Industrial de Marabá e instalación de nuevas siderúrgicas.
<b>La ciudad del capitalismo en crisis (2008-)</b>	Ídem al anterior con menor intensidad de la exportación de hierro.	PROJETO ALPA – Aços Laminados do Pará (Vale S.A)  Desarrollo PMCMV.	Explosión de las ocupaciones, en parte debido al “efecto de anuncio” del ALPA.  Creación de diversos conjuntos de habitación popular (WMCMV).

Fuente: Elaboración propia, a partir de: RODRIQUES, 2010; SOUZA, 2015; TRINDADE Jr., 2015; SPOSITO, ELIAS y SOARES, 2016.

La expectativa del anuncio del ALPA, abandonado en 2014, generó un fuerte impacto, primero sobre las dinámicas inmobiliarias, con un especial crecimiento de promociones cerradas (barrios cerrados -verticales y horizontales-), y la explosión de nuevas ocupaciones “ilegales” de tierras urbanas (SOUZA, 2014). El resultado fue un crecimiento del 35% del territorio urbanizado entre 2009 y 2013 (SOUZA, LEITE y PAIXÃO, 2019). Estos nuevos procesos de urbanización se vieron acompañados de violencia, asociados a la territorialización y el control de conjuntos habitacionales del programa MCMV, abandonados por el Estado. Este es el caso del *Residencial Magalhães*, con casas inacabadas, sin servicios urbanos básicos, y con una urbanización inexistente. Algunos de los relatos recogidos señalan la violencia -incluidos asesinatos- en el proceso de apropiación de esas casas, como muestra la Figura 3, fotografía realizada durante el trabajo de campo en octubre de 2019.

**Figura 3 - Residencial Magalhães.**



**Fuente: José Sobreiro Filho (con autorización)**

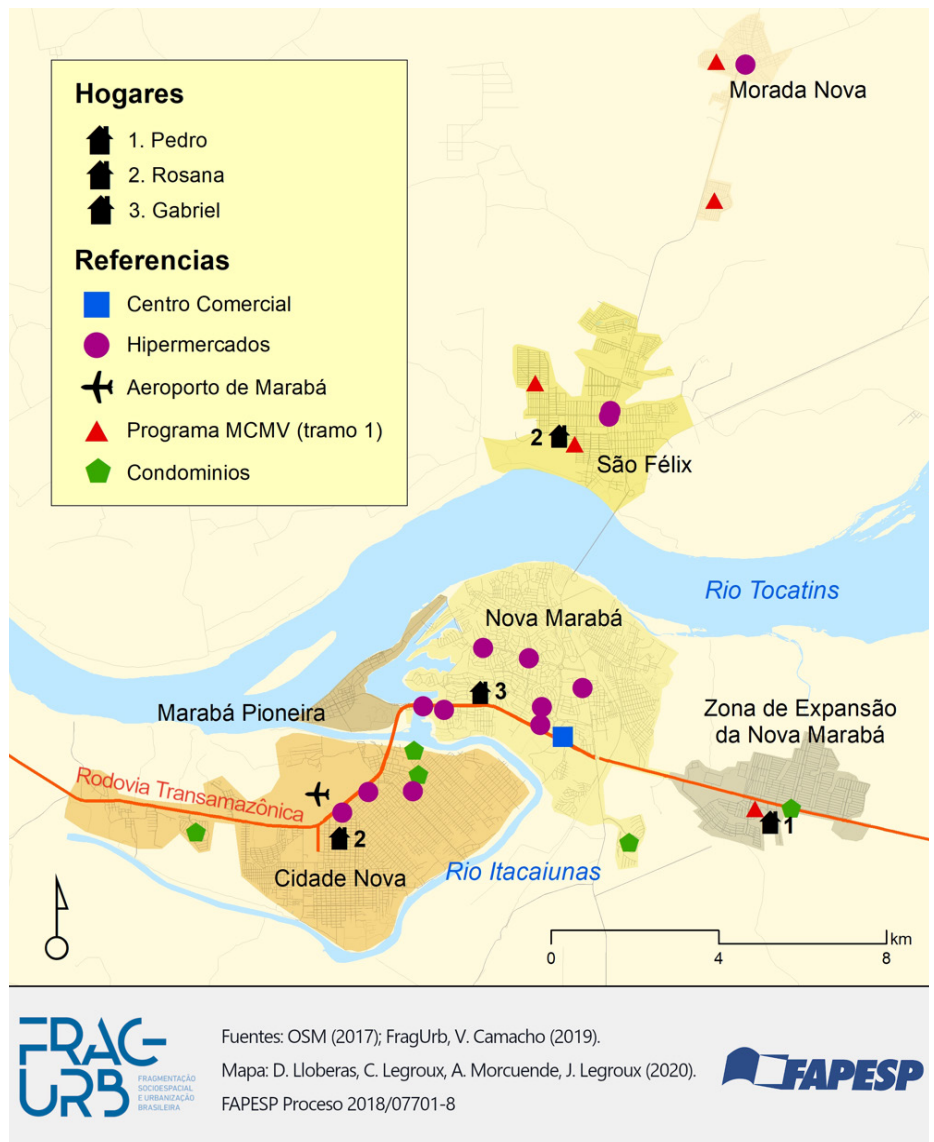
Todo ello favoreció la aparición de los elementos para un espacio concebido fuertemente fragmentado: una constitución en 5 núcleos principales, *Marabá Pioneira*, *Nova Marabá* donde vive uno de los entrevistados- y *Cidade Nova*, los originales, y dos más recientes que expresan la periferización, los de *São Felix* y *Morada Nova*, en la otra orilla del río *Tocantins*. El río Itacaiunas también separa, junto con la Transamazónica, cuya duplicación se inició en 2010, los núcleos de *Marabá Pioneira* y *Nova Marabá* de *Cidade Nova* (Figura 4). A su vez, la Transamazónica se ha ido constituyendo en un eje de centralidad, en la que se ubica el Shopping.

En la Figura 4, representamos los conjuntos del Programa MCMV destinados a familias de hasta 1.600 reales de renta mensual (305 USD), todos situados al otro lado del río, en el núcleo *São Felix* o en el núcleo *Morada Nova*; son: el *Residencial Vale do Tocantins* con 1.090 casas, donde vive otra de las entrevistadas, el *Residencial Tiradentes*, con 1.410 unidades, el *Jardim do Éden* de 968 casas, y el *Residencial Magalhães*, que preveía 3.000 unidades, que al no finalizarse acabó generando ocupaciones, como ya ha sido descrito. Se localizan también

los condominios cerrados, de distinto poder adquisitivo, en la *Zona de Expansão da Nova Marabá*, donde se ubica el último de los entrevistados. A pesar del crecimiento de las ocupaciones informales, no son representadas por no ubicar ningún caso de estudio en las mismas.

Marabá representa, así, el corolario de los procesos fragmentarios descritos, pues, está compuesta por una fuerte heterogeneidad social, reúne numerosas verticalidades en su territorio propias de muy distintas escalas, presenta una urbanización peculiar, y, junto a todo ello, destaca su carácter no metropolitano, objeto habitual de los análisis sobre fragmentación. Además, el contexto amazónico descrito anteriormente, hacen de esta región un caso extremo en lo que a condiciones sociales, formas urbanas, y violencia, se refiere. Todo ello justifica su elección como caso de estudio para la interpretación de la fragmentación socioespacial a través de la vida cotidiana.

Figura 4 - Localización de los casos de estudio.



## 5 | RUPTURA Y COHESIÓN EN LA ORGANIZACIÓN DE LA VIDA COTIDIANA

Se analizan aquí los elementos de ruptura y cohesión de la vida cotidiana de tres habitantes de Marabá. De ellos se presentan la localización residencial y sus características socio-económicas. Se explican, también, las organizaciones de su cotidianidad, apoyadas en mapas con los que aproximarse a su alcance espacial, a partir de las cinco dimensiones presentadas anteriormente. Por último, van identificándose aquellos elementos que fragmentan, y las posibles estrategias de costura.

### *Gabriel*

Desde 2006, Gabriel, estudiante de ingeniería eléctrica de 25 años, vive con sus padres y hermanos en una casa de propiedad ubicada en *Nova Marabá*, uno de los tres centros. Concretamente vive en una de las hojas planificadas, que le da nombre a su barrio, la hoja 32, un barrio de clase media-alta en el contexto marabaense, comúnmente conocida como una «hoja de ricos» según el entrevistado<sup>2</sup>. La 32 nació en los años 80, con el desarrollo del núcleo *Nova Marabá*, directamente conectado a la actividad industrial de aquella época: su casa, como otras del barrio, fue construida por la *Eletronorte*, empresa gestora de la hidroeléctrica de *Tucuruí*, y en la que el padre de Gabriel es empleado hace años, otorgándoles una renta familiar de 7000 reales (1.335 USD).

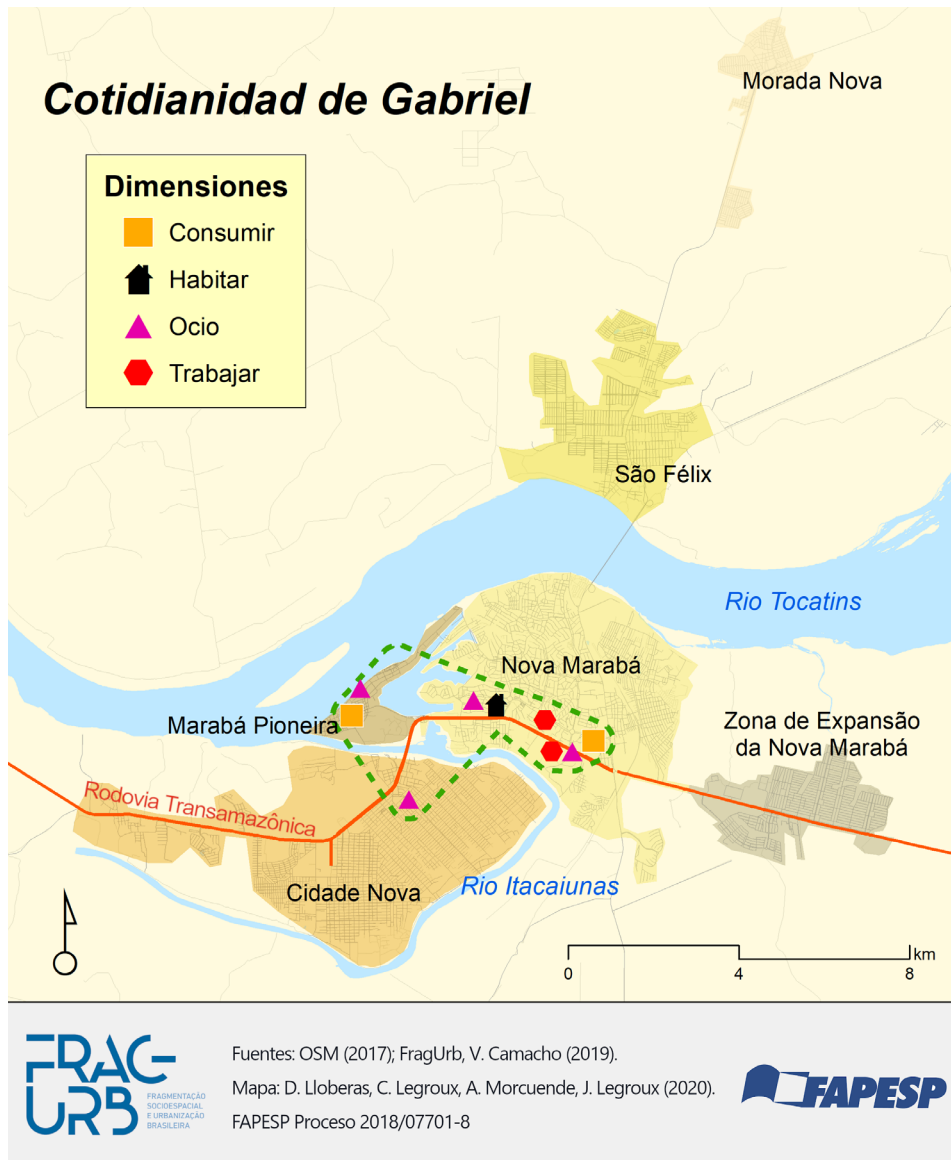
Antes de la pandemia de la Covid-19, Gabriel había iniciado unas prácticas profesionales en la empresa VALE. Por ser un hecho reciente, el entrevistado explicó su vida unos meses antes, cuando realizaba unas prácticas profesionales en la Secretaría de Obras de la Alcaldía de Marabá, que le ocupaban de 08:00h a mediodía, y a la asistencia a las clases, de 13:30h a 17:40h. Después de volver a casa, pasaba una hora en el gimnasio, hasta, más o menos las 20:30h, cuando volvía al estudio en casa. Una cotidianidad principalmente ocupada por el trabajo y la universidad. La buena localización residencial y el acceso familiar a vehículos motorizados (dos coches y una motocicleta), le permite un acceso a la ciudad sin mayores dificultades; en 10 minutos llega a la universidad o al trabajo. La vida cotidiana en este caso tiene el siguiente alcance espacial: el núcleo *Nova Marabá*, la ciudad de Marabá y la escala global.

La cotidianidad de Gabriel se organiza básicamente en el núcleo *Nova Marabá* (Figura 4): vive en la 32, va a la universidad en la 31, y en el mismo núcleo realiza una parte de sus prácticas de ocio y de consumo, frecuentando el Shopping (situado en la Transamazónica). Su gimnasio se encuentra también cerca de casa, así como diversos servicios y comercios, como bancos, hoteles y entidades públicas. Esta escala da cierta cohesión a su cotidiano, pues la centralidad y su proximidad a ellas, hacen que su tiempo individual supere los límites del espacio concebido.

<sup>2</sup> El distrito Nova Marabá se organiza en un sistema arbóreo, simulando las ramas y las hojas del árbol de la castaña. Desde el punto de vista morfológico este sistema genera una cierta contigüidad, sin continuidad, pues estando cerca las unas de las otras no es posible pasar de una a otra hoja sin hacer uso de las vías principales.



Figura 5 - Representación espacial de las dimensiones empíricas para el caso de Gabriel.



El movimiento diurno del barrio contrasta con el poco movimiento nocturno, lo que lo hace más inseguro, en comparación a *Novo Horizonte*, donde vivían antes y donde aún mantiene relaciones, que actúa de referencia constantemente. Un barrio, según Gabriel, en el que existe una «vivencia más unificada» por la vida de barrio, la circulación, las posibilidades de uso del espacio público (la calle, la plaza), y

un contacto más directo con los vecinos, con los colegas de los alrededores, que es una cosa que no existe mucho en la 32. Vivimos en nuestra casa, pero no sabemos lo que pasa al otro lado. Cada cual en su parcela (Gabriel, comunicación personal, 28 de mayo 2020).

Ese repliegue, o separación, actúa de ruptura en esta escala, pues a pesar de vivir en una centralidad, Gabriel caracteriza a la 32

como un lugar donde los vecinos ni se conocen ni conversan, un lugar vacío de interacciones sociales. El repliegue se acentúa con la estrategia frente a la inseguridad por la que sus tres vecinos, incluida su familia, construyeron un muro para las viviendas, con una cámara de seguridad; todo acompañado de relatos de asaltos a conocidos y familiares.

Esta primera escala deja, pues, una notable contradicción: la cohesión y el modo de vida relativamente confortable desde el punto de vista de la proximidad de servicios, comercios, y equipamientos, que se fragmentan por unas relaciones sociales de vecindad pobres, o inexistentes, en gran medida explicadas por el encierro que provoca la inseguridad.

En la siguiente escala, tomando la ciudad en su totalidad, las actividades frecuentes se relacionaban al tiempo libre. En *Marabá Pioneira*, frecuenta el paseo frente al río *Tocantins*, donde pasea con su familia, o sale de noche con

amigos y pareja. También en el centro tradicional, frecuenta la *Antonio Maia*, avenida comercial en la que suele comprar. Acostumbra a ir al barrio *Novo Horizonte (Cidade Nova)*, para ir a la Iglesia con su familia, o para reunirse con amigos. Esta escala es principalmente practicada el fin de semana y mantiene una cierta cohesión a través de las relaciones propias de la reproducción social, cristalizadas en el tiempo (amigos de la infancia, de la Universidad, del fútbol).

La escala global, por último, aparece en su cotidianidad con el peso de la VALE, empresa billonaria que explota las minas de la región y exporta sus recursos. Unos meses antes de la pandemia, Gabriel realizó unas prácticas en la empresa VALE, en la ciudad de Parauapebas. Esta empresa creó expectativas inmediatas en cuanto al futuro laboral de Gabriel: «actualmente, pienso mucho en quedarme en la VALE, trato de ponerle empeño... Ahora con la pandemia, es difícil, porque [...] quién no es visto no es recordado [...] Espero, cuando termine este proceso, ser contratado” (Gabriel, comunicación personal, 28 de mayo 2020). En el mismo sentido, la respuesta sobre su futuro a corto y medio plazo: «No, lo veo más a fuera de Marabá [...] Lo veo más en Parauapebas (Gabriel, comunicación personal, 28 de mayo 2020)”, indica, de alguna forma, una reproducción de la trayectoria paternal: el padre empleado en la Eletronorte, y el hijo en la VALE, lo que indica que esta escala es también temporal. Esta escala, que no puede ser sobredimensionada, impuesta por el orden global, deja entrever una cierta fragilidad en la cotidianidad, o al menos en las perspectivas de vida futura del entrevistado.

Su vida, que hasta hoy se ha desarrollado en Marabá, le otorga cierta cohesión a su cotidianidad, sin embargo, esas perspectivas de futuro dependen de su vínculo con la VALE, esto es, una empresa multinacional comandada desde otra escala, en este caso la global. A pesar de todo ello, podríamos decir, siguiendo la intuición de Baby-Collin (2002), que Gabriel *está en* la ciudad, y *es de* la ciudad, pues además de no presentar ninguna dificultad en el acceso a los diferentes servicios de Marabá, su trayectoria de vida lo identifica plenamente con los lugares, de los que se apropia.

## Rosana

En un conjunto MCMV vive Rosana, madre soltera de 32 años, con dos hijos. Trabaja como profesora en la red municipal de educación, con una renta entre 1.000 y 2.000 reales al mes (286 USD). Vive al otro lado del río *Tocantins* en la *Residencial Vale do Tocantins*, en el núcleo de *São Félix*. Un conjunto dirigido a la población de menores ingresos, por lo que puede ser considerado como un barrio popular.

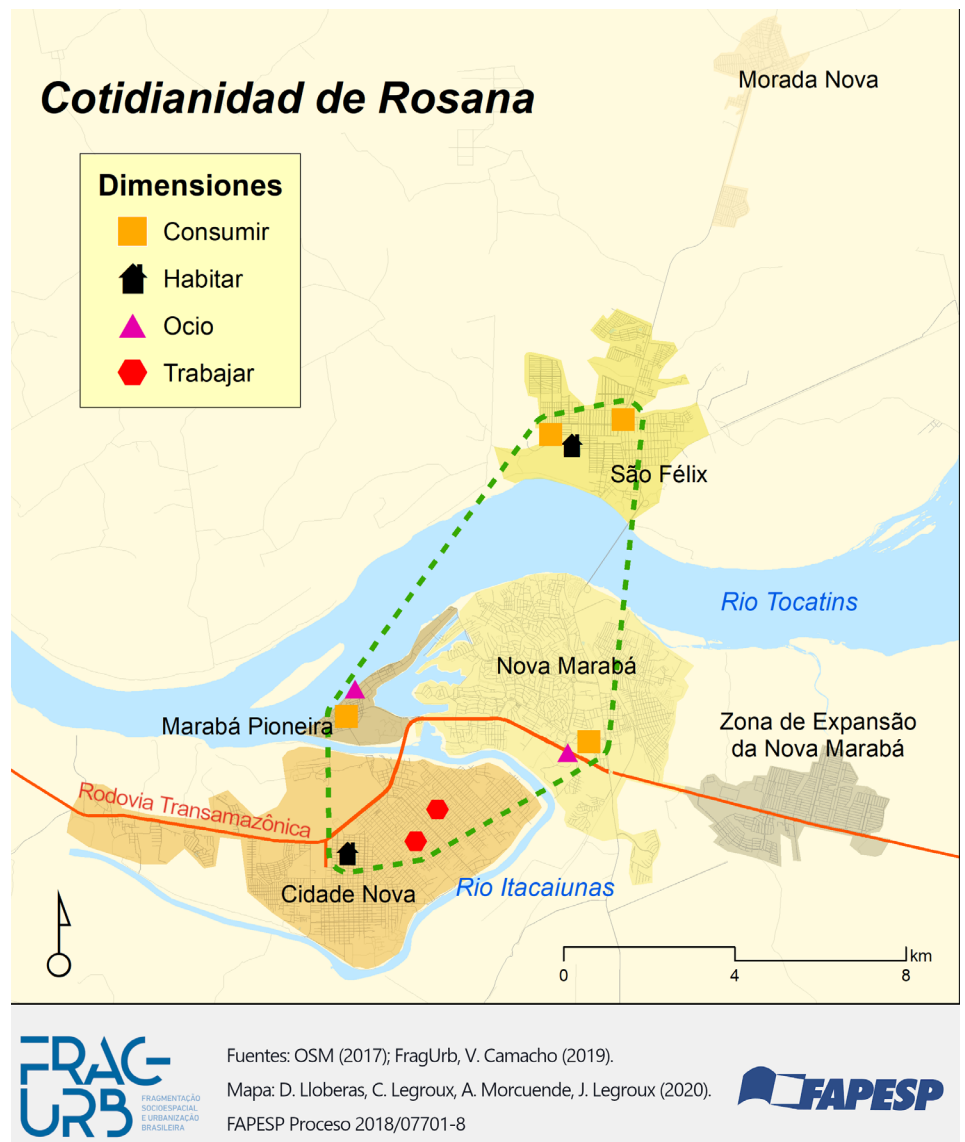
La cotidianidad descrita por Rosana se basa en una secuencia que se inicia con la preparación de la familia para afrontar el día (sus hijos y ella), la jornada laboral en los dos colegios en los que la entrevistada trabaja, y un final del día que Rosana considera un pequeño tiempo de ocio cuando todo el mundo ya está durmiendo para “disfrutar del silencio de casa porque, llegar de la escuela, ruido, tráfico, entonces aprovecho al menos media hora por la noche para estar en paz,

sola (Rosana, comunicación personal, 30 de abril 2020)”. Esto indica una vida cotidiana estructurada fundamentalmente a partir del ámbito productivo, y en cambio una presencia fuerte del habitar y del ámbito reproductivo -sobre todo los cuidados necesarios de sus hijos y de su casa antes y después de la jornada-.

Su relato presenta una característica diferenciadora respecto a los dos otros entrevistados, a saber, una movilidad extremadamente complicada y compleja, que por otro lado es una problemática común y extendida en Marabá:

para salir de aquí para ir a trabajar, para ir a casa de mi madre, ir para cualquier otro lugar, a casa de mi hermano, es en transporte público. Aquí tienes el taxi colectivo, autobús, hay [...], en algunos casos cuando voy con mucha prisa tengo que tomar una van, que son intermunicipales... (Rosana, comunicación personal, 30 de abril 2020).

Figura 6 - Representación espacial de las dimensiones empíricas para el caso de Rosana.



Eso es en parte por la amplitud de su alcance espacial cotidiano, por el que consigue realizar diversos saltos de escala (SMITH, 2000). La primera y más inmediata es el residencial *Tocantins* y el barrio de *São Félix*, a los que se encuentra totalmente apegada, en las que pasa gran parte del tiempo y en la que realiza actividades cotidianas vinculadas a su consumo diario, su ocio, y el de sus hijos, que también estudian en el barrio.

La siguiente escala es la autopista BR y el puente que une las dos orillas del río, una auténtica frontera física y simbólica entre el Marabá de allá, desde donde pocos habitantes pasan hasta el Marabá de acá -los núcleos centrales-<sup>3</sup>. Esa autopista es punto de referencia en la cotidianidad de Rosana, no sólo por ser el eje de conexión con una gran parte de su vida -su trabajo y su familia-, sino también porque en él se concentran servicios y equipamientos sobre los que apoyar el día a día -farmacias, supermercado-, y de los que el residencial carece. Entre los dos trabajos de campo, pre y post-pandemia, se ha constatado un aumento y diversificación de los comercios en dicha avenida, que estructuran el barrio de *São Félix*.

La última escala corresponde a los núcleos centrales de la ciudad, en las que se sitúan las dos escuelas en las que trabaja (*Novo Horizonte* y *Belo Horizonte*), donde vive su madre (*Laranjeiras*), y donde realiza gran parte de sus compras y pasa el tiempo con sus amigas (*Nova Marabá* y *Marabá Pioneira*). Esta es una escala a la que, teniéndole apego por ser su área de origen, Rosana decidió abandonar para vivir en un lugar más limpio, fresco, tranquilo, privado y seguro.

Eso contrasta con la falta de servicios (bancos y comercios) y equipamientos, con las difíciles condiciones de movilidad (tiempo, costo y confort), y la separación física de su trabajo y de sus relaciones:

con relación al clima del barrio y a la tranquilidad del barrio, yo no quiero cambiarme, pero con lo que se refiere al trabajo, a la logística, sería más conveniente para mi, porque hay los hijos, el padre vive cerca de la casa de mi madre, entonces a veces cuando hay alguna dificultad, cuando estoy enferma o ellos están enfermos, sería más fácil vivir cerca de mis parientes (Rosana, comunicación personal, 30 de abril 2020).

Este segundo caso muestra rupturas de la cotidianidad que se expresan fundamentalmente a través de aspectos formales, condicionados por el hecho de vivir en el aislado “lado de allá” de Marabá, un área de expansión que ha ido creciendo a través de la política pública de MCMV. Su relato sobre los aspectos negativos de su barrio sintetiza esas distancias y barreras:

De aquí del barrio es más la cuestión logística, porque solo existe un puente, cierto! Si pasa alguna cosa allí nadie va, nadie viene, porque el puente es de única dirección, solo pasa un coche, no tiene doble carril encima del puente, una dirección para ir y otra para volver, entonces siempre pasa alguna cosa allí que molesta bastante (Rosana, comunicación personal, 30 de abril 2020).

---

<sup>3</sup> El río Tocantins actúa de fuerte frontera entre uno y otro lado, conectados por un único puente de un carril para cada sentido, con la vía férrea en el medio. La sensación de transitar entre dos espacios muy distintos es sentida al cruzar el largo puente que une al lado de acá con el de allá.



A pesar de eso, Rosana presenta algunas estrategias para superar su aislamiento, las dificultades en su movilidad, y la escasa oferta de servicios básicos (alimentación, farmacias, bancos). Esas estrategias pasan por una red social muy sólida, sobre la que apoya gran parte de su cotidianidad, y que le permiten desarrollar otras dimensiones más allá del habitar (sus hijos, su casa, su barrio); Rosana menciona especialmente el apoyo de su madre y de su hermana, así como

## Pedro

el de la canguro, además del padre de su segundo hijo.

El desarrollo de esas otras dimensiones de la vida la llevan a presentar unas prácticas espaciales diversificadas -unas impuestas, otras optadas-, y, por tanto, con el mayor alcance espacial de los tres entrevistados, que le permiten apropiarse de áreas distintas de Marabá, en donde vislumbra pasar los próximos años y desarrollar sus planes de futuro:

el año pasado estaba comentando con mis amigas sobre eso, de los sueños, y yo me puse una meta, muchos años atrás, mi meta de los 30 años. La meta de mis 30 años era graduarme, tener un hijo -tuve dos-, y tener mi casa, entonces esa parte ya... Ahora tengo la meta de los 40, los 45, de tener una casa más cómoda (Rosana, comunicación personal, 30 de abril 2020).

Por último, Pedro, de 38 años, es profesor universitario, otorgándole una renta de entre 8.000 y 10.000 reales (1.717 USD). Vive en la *Zona de Expansão da Nova Marabá*, a 3,5 km del centro, un área atravesada por la Transamazónica, una barrera que supera fácilmente con su vehículo particular. Hace 4 años, vive en uno de los dos barrios cerrados *Residencial Total Ville*, en un apartamento alquilado de 50m<sup>2</sup>, en un edificio de cuatro pisos, una excepción en ese barrio compuesto de casas. Se trata de un barrio reciente, y bien equipado -farmacia, gimnasio, panaderías, pequeños supermercados, entre otros-.

El día para Pedro empieza con un café antes de ir en coche a la Unidad 3 de la universidad, situada a 3km de su casa. Llega sobre las 08:00h, desayuna y almuerza en la universidad, donde transcurre toda la jornada hasta las 19:00h, tras lo que aprovecha para ir al gimnasio. De vuelta, pasa por la panadería, muy próxima a su residencia, para cenar y volver un tiempo a trabajar. Esta primera escala se estructura alrededor del trabajo y de la universidad, a través de trayectos pendulares casa-trabajo. A pesar de ser el individuo de mayor renta, Pedro, presenta una circulación menos diversificada y un alcance espacial menor (figura 6), idea sostenida por él mismo al ser preguntado por la inseguridad: “como yo vivo prácticamente en una burbuja, yo no veo el barrio como inseguro”; y por su nula participación pública (ONG, asociaciones de vecinos): “prefiero enclaustrarme en mi trabajo, mis investigaciones, mi universo particular” (Pedro, comunicación personal, 5 de junio 2020).

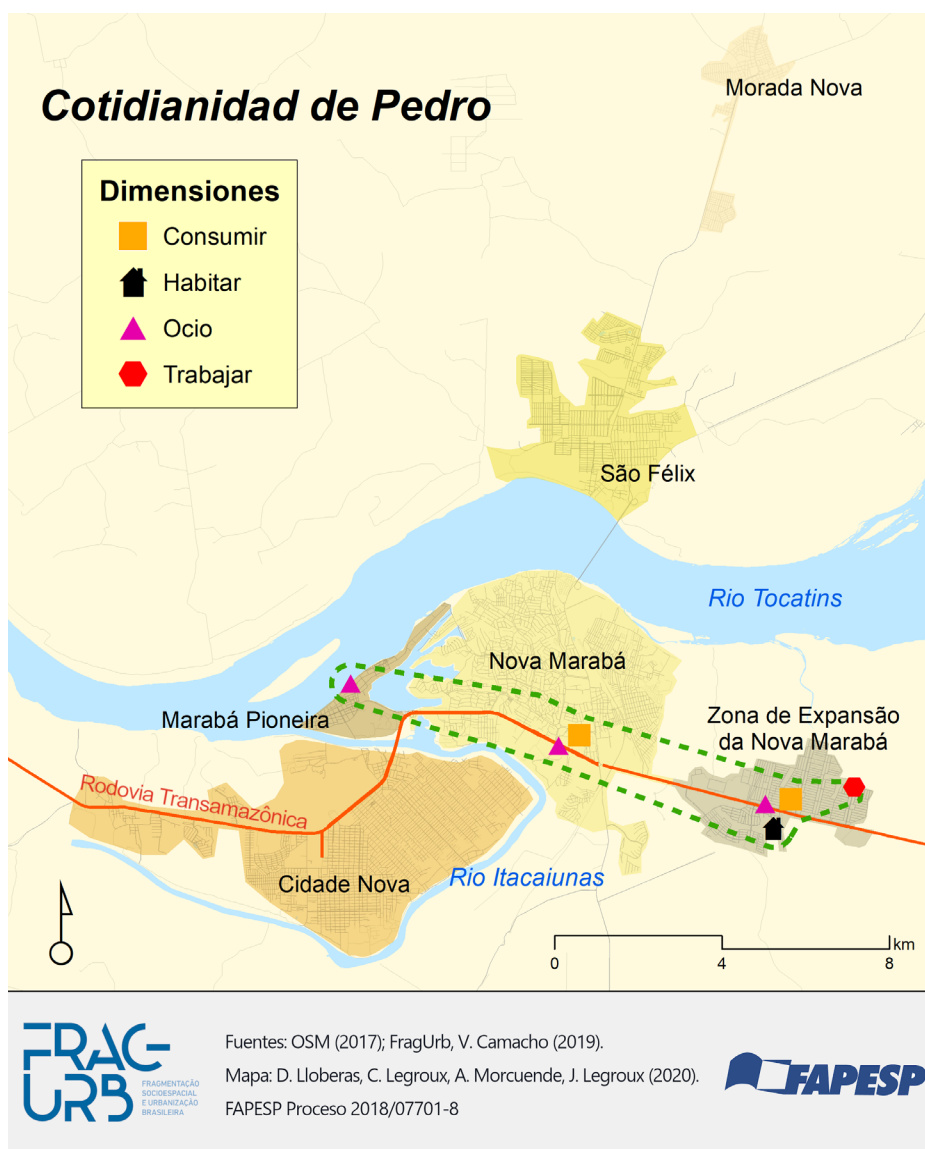
Su experiencia en la ciudad es, como él mismo afirma, limitada: “mi vida es muy restringida a este barrio [Zona de Expansão da Nova Marabá], al centro de la ciudad, donde hay un Shopping, el supermercado y la universidad” (Pedro,

comunicación personal, 5 de junio 2020). Su localización residencial y la prioridad dada al trabajo, encapsula su cotidiano. En cuanto al ocio y al consumo, se limitan a los trayectos al shopping (situado en la Transamazônica), o al paseo frente al río (*Marabá Pioneira*), actividades que Pedro realiza muy esporádicamente.

Dos elementos más ayudan a entender las rupturas en la vida cotidiana de Pedro: la escala situada “fuera de Marabá” y la fuerte diferencia que el entrevistado marca respecto a la ciudad. Las ciudades de Recife y Belém, muy diferentes a la estudiada, son frecuentemente visitadas por Pedro: es originario de la primera, y su pareja reside en la segunda. La dimensión escalar más lejana aparece en el consumo, pues gran parte de sus compras -vinos, libros, ropa- se realizan en internet o en el extranjero.

Las representaciones sobre estos «afueras» explica en alguna medida las estrategias de reclusión y rechazo observadas. El calor excesivo es mencionado como una de las razones por las cuales no frecuentar la ciudad, volver rápidamente a su despacho (en la universidad), o utilizar siempre su coche, incluso en desplazamientos cortos. Se observa también una relativa frustración con respecto a la oferta cultural de Marabá, comparada con Recife -una referencia externa-, lo que lleva a Pedro a no circular tanto en la ciudad. Sus relaciones sociales están centradas en la universidad y en actividades dentro de casa, como: “organizar una fiesta y estar cerca de tus amigos, llevar carne, la cerveza, tu bebida, y estar allí, conversando y bromeando” (Pedro, comunicación personal, 5 de junio 2020). El fuerte peso de estos “afueras” y los rechazos a la vida social en Marabá, llevan a una baja apropiación de la ciudad.

La estrategia diferenciadora, por su parte, se refleja también en su modo de vida. Al llegar a Marabá, Pedro vivió durante un año cerca de la Unidad 1 de la UNIFESSPA, pero se mudó motivado por las condiciones físico-sociales del



entorno: calles sin asfalto, alcantarillado a cielo abierto, y aquella sensación desagradable de que para “llegar a tu apartamento, tener que pasar por delante de la puerta y de la ventana de todos los vecinos». También se mencionan las molestias generadas por estos: “el sábado, a las 6 de la mañana, quieres dormir un poco, pero estaba allí [un vecino], con un sonido estridente a tu lado, con la caja de sonido orientada a la calle” (Pedro, comunicación personal, 5 de junio 2020). El nuevo local de residencia destaca él, “tiene un carácter urbano, en el sentido positivo del término” (Pedro, comunicación personal, 5 de junio 2020), refiriéndose a la seguridad, la recogida de basura, la piscina y la actitud de sus vecinos. Sin embargo, el buen equipamiento del condominio -tranquilidad, seguridad, alcantarillado-, se contrapone, al del barrio, y la casi inexistencia de espacios públicos.

## 6 | CONSIDERACIONES FINALES

Con el análisis de cada uno de los casos es posible mostrar cómo la fragmentación socioespacial se expresa, en toda su complejidad, cuando es abordada a través de la vida cotidiana. La constatación principal es que, efectivamente, el espacio concebido -las barreras, las distancias, el tiempo, etcétera- continúa explicando gran parte de las rupturas urbanas, sin embargo, el análisis de la vida cotidiana revela dimensiones, contradicciones y cohesiones, que otorgan matices y detalles a la fragmentación socioespacial. Las diferentes dimensiones de esa complejidad son aquí expuestas como consideraciones finales, que se sobreponen unas a otras: saltos escalares, contradicciones entre las representaciones y las prácticas espaciales, y relaciones de reproducción social.

Analizando la vida cotidiana emergen escalas del espacio vivido que el espacio concebido suele enmascarar. Así, la escala geográfica difumina a la escala cartográfica, revelando cómo las escalas son producidas por cada individuo, permitiendo una mejor contextualización de su uso y apropiación de la ciudad, a través de los saltos de escala (SMITH, 2000). En el caso de Gabriel, su localización – en un barrio central y relativamente bien abastecido de servicios e infraestructuras – le otorga a priori elementos de cohesión de la vida cotidiana. Sin embargo, los habitantes de la 32 no frecuentan mucho la calle, fruto de la inseguridad, lo que se traduce en escasos contactos entre vecinos y un repliegue al ámbito del hogar, securitizado, lo que los hace prisioneros de la escala doméstica. La 32 ha ido configurándose, así, en un conjunto de espacios totales, autosuficientes, que evitan el espacio público en ciertos momentos del día.

En el caso de Rosana, si bien la condición del barrio *São Félix* aún expresa, por su baja calidad y/o inexistencia de infraestructuras urbanas, un “urbanismo fragmentador” (JIRÓN, MANSILLA, 2014), el acceso a la propiedad y las prácticas espaciales de proximidad de Rosana (clase de baile cerca de su casa, plaza a menos de dos calles, etc.) demuestran también un proceso de consolidación de esta periferia, que incluye, entre otros, un mayor “arraigo” de sus habitantes a sus barrios” (DUREAU, GOUËSET, LE ROUX, 2012, p.2). Así, sus prácticas espaciales

le permiten realizar diferentes saltos de escala, evitando rupturas asociadas al espacio concebido, como son las barreras y los problemas de movilidad a ellas asociados.

El análisis de la cotidianidad también otorga una aproximación minuciosa a las contradicciones existentes entre las representaciones y las prácticas espaciales de los individuos, que revelan dimensiones, mucho más allá de las formas, en las que la fragmentación socioespacial también se expresa, siempre en relación con la escalas. Tomando el ejemplo de Gabriel, recuerda su anterior barrio como un lugar lleno de vida, en el que las relaciones sociales fluyen y estructuran la cotidianidad, pero su aspiración de futuro es vivir en un espacio residencial cerrado, por razones de seguridad. En el caso de Pedro, se puede identificar una cierta contradicción entre dos escalas, producidas por la representación de lo que para él debe ser una ciudad, y que Marabá no es. La importancia de una escala externa, muy presente en sus representaciones y discurso (las ciudades de Recife y Belém) justifica su repliegue en el ámbito doméstico y del trabajo, no tanto por la inseguridad, sino por el poco interés y afecto que siente por Marabá, en la que no encuentra reflejo alguno de esa escala externa.

Las relaciones sociales, propias del ámbito de la reproducción social, determinan en gran parte el grado de apropiación que los individuos hacen del espacio urbano. Las diferencias en este punto conducen a una mejor comprensión de las estrategias de superación y de costura que, de alguna manera, hacen frente a los procesos fragmentarios. Es el caso de Rosana, que cita numerosas relaciones sociales sobre las que apoya gran parte de su vida, o el caso de Gabriel, cuyas relaciones familiares y de amistad anclan sus actividades cotidianas en la ciudad. El apego a la ciudad tanto de Gabriel como de Rosana, por haber crecido allí, saberse parte de Marabá (cultura, clima, lugares), hacen que se apropien de toda la ciudad, y en esa escala es donde se cohesiona su vida, a diferencia de Pedro, que tiene pocas relaciones sociales en la ciudad, generando un fuerte rechazo. Es importante señalar, que muchas de estas estrategias y cohesiones se producen a través de la familia y los amigos, esto es, de las redes de apoyo, lo que conduce a tener más presente el ámbito de la reproducción social, habitualmente menospreciado en los análisis urbanos que privilegian los análisis del ámbito productivo, más en una ciudad dominada por los ciclos económicos internacionales.

Estos elementos -saltos escalares, contradicciones entre las representaciones y las prácticas, y la reproducción social, inapreciables desde un enfoque metodológico que parte del espacio concebido, escalarmente rígido y habitualmente restringido a ámbitos productivos que no toman en consideración la amplitud de la cotidianidad, efectivamente otorgan matices a las explicaciones sobre la fragmentación socioespacial. Casos que pudieran parecer los más fragmentados por su condición periférica, consiguen costurar su día a día a través de los saltos de escalas y de una red de relaciones sociales. Por el contrario, aquellos perfiles mejor posicionados social y espacialmente, pueden no contar con herramientas de costura en sus rutinas, y presentan un espacio vivido más empobrecido. La fragmentación socioespacial, y sus consecuencias, no son, al fin y al cabo, tan solo cuestiones cuantitativas -más pobreza, más desigualdad, más distancias-, sino una



cuestión cualitativa, con nuevos contenidos y formas sociales y espaciales. Así, la tríada lefebvriana que relaciona los espacios concebidos, vividos y percibidos, es una herramienta teórica y metodológica útil para el análisis de las consecuencias que los procesos fragmentarios van imprimiendo en cada uno de esos espacios.

La fragmentación emerge también en la homogeneización de ciertas representaciones y prácticas espaciales. En los tres casos, y en el resto de los entrevistados, son habitualmente mencionados: i) la sensación de inseguridad, recurrente en los estudios sobre fragmentación en América Latina, y presente en los análisis de la vida cotidiana, ii) la tendencia al repliegue de la vida individual y social en distintos compartimentos, anhelando una vida total que se pretende a través de espacios totales, expresada a través de los discursos de la privacidad, seguridad, y separación; y iii) la monitorización del ocio y el consumo, a través de espacios y tiempos rígidos, como muestran los mapas presentados, en los que se observa las mismas prácticas en estas dos dimensiones.

Estas consideraciones apuntan, como constatación y como líneas de investigación a desarrollar, al carácter complejo de la fragmentación socioespacial: como un concepto que necesita ser delimitado y asociado con otros, como el de separación, capitalismo en crisis y urbanización diferencial; como conjunto de procesos sociales, culturales, económicos y políticos que, actuando en distintos tiempos y escalas, rompen con el orden social y espacial heredado, y que señalan el paso de la segregación a la fragmentación; y como resultado, más allá de las formas, expresada en un empobrecimiento del espacio vivido, que es posible revertir a partir de las prácticas espaciales de apropiación. ■

Recibido em: 20-05-2023

Aceito em: 13-07-2023

## REFERENCIAS

- ABRAMO, Pedro. *A cidade caleidoscópica: coordenação espacial e convenção urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 366 p, 2007
- ARRUZZA, Cintia, FRASER, Nancy, BHATTACHARYA, Titty. Notas para un manifiesto feminista. *New Left Review*, 114, 2019.
- BABY-COLLIN, Virginie. Estar en la ciudad y ser de la ciudad: convertirse en ciudadano en los barrios populares de Caracas y La Paz. *Revista Trace*, 2002.
- BECKER, Berta. *Geopolítica da Amazonia: A Nova Fronteira de Recursos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- BHATTACHARYA, Titty. *Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentring Oppression*. London: Pluto Press, 2017.
- BORSODORF, Axel. Hacia la ciudad fragmentada. Tempranas estructuras segregadas en la ciudad latinoamericana. *Scripta Nova*, vol.VII, núm. 146, 2003.
- BRENNER, Neil, SCHMID, Christian. Towards a new epistemology of the urban? *City*, 19: 2-3 , 151-182, 2015.
- CALDEIRA, Teresa. *Cidade de muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 400 p., 2000.
- CAPRÓN, Guénola, ARELLANO, Salomón. Las escalas de la segregación y de fragmentación urbana. *Trace* 49, p. 65-75, CEMCA, México, 2006.
- CARIOLA, Cecilia, LACABANA, Miguel. La metrópole fragmentada. Caracas entre la pobreza y la globalización. *Revista Eure*, Vol. XXVII, n. 80, pp. 9-32, 2001.
- DEBORD, Guy. *La société du spectacle*. Paris: Buchet/Chastel, 1967.
- DORIER-APPRILL, Elisabeth, GERBAIS-LAMBONY, Philippe (Org.). *Vies Citadines*. Belin, 2007.
- DUAHU, Emilio, GIGLIA, Angela. *Metrópolis, espacio público y consumo*. México: Fondo de Cultura Económica, 2016.
- DUREAU, Françoise, GOUËSET, Vincent, LE ROUX, Guillaume. Movilidad cotidiana, prácticas del espacio urbano y desigualdades socioterritoriales en dos periferias populares de Bogotá: Soacha y Madrid (1993-2009). *X seminario ACIUR*, 2012, Bogotá, 2012.
- FRASER, Nancy. *Los talleres ocultos del capital. Un mapa para la izquierda*. Madrid: Traficantes de sueños, 2020.
- JAMESON, Frederic. *The cultural turn*. London: Verso, 1998.
- JIRÓN, Paola. Mobile Borders in Urban Daily Mobility Practices in Santiago de Chile. *International Political Sociology*, 4, p.66-79, 2010.
- JIRÓN, Paola, MANSILLA, Pablo. Las consecuencias del urbanismo fragmentador en la vida cotidiana de habitantes de la ciudad de Santiago de Chile. *Eure*, vol.40, n.121, p.5-28, 2014.
- JIRÓN, Paola, GÓMEZ, Javier. Interdependencia, cuidado y género desde las estrategias de movilidad en la ciudad de Santiago. *Tempo Social*, revista de sociología da USP, v.30, n.2, 2018.
- LEFEBVRE, Henri. *Du rural à l'urbain*. Paris: Anthropos, 1966.
- LEFEBVRE, Henri. *La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris: Gallimard, 1968.
- LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974].

- LEGROUX, Jean. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. *Caminhos de Geografia*, v. 22, n. 81, 2021a.
- LEGROUX, Jean. A triplicidade do espaço e das práticas de mobilidade para o estudo da fragmentação socioespacial. *GEOgraphia*, 23 (51), 2021b.
- MORCUENDE, Alejandro. Interpreting sociospatial fragmentation, differential urbanization and everydaylife: a critique for the latin American debate. *GEOgraphia*, 22(49), 2020.
- MORCUENDE, Alejandro. Behind the origins of socio-spatial fragmentation. Mercator, Fortaleza, 20, 2021a.
- MORCUENDE, Alejandro. Diferenciação e fragmentação socioespacial: a contradição campo-cidade como teoria e como método. *GEOUSP*, 25(2), 2021b.
- NAVEZ-BOUCHANINE, Françoise (dir). *La fragmentation en question : les villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale ?* L'harmattan, 2002.
- PRÉVÔT-SCHAPIRA, Marie-France. Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades. *Perfiles latino-americanos. Revista de la Sed Académica de México de la Facultad latino-americana de Ciencias Sociales*, 2001.
- RODRIGUEZ, Jovenildo. *Marabá: centralidade urbana de uma cidade média paraense* (tesis de máster). Universidade Federal de Pará, Belém, Brasil, 2010.
- SANTOS, Milton. *Metrópole Corporativa Fragmentada: o caso de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 136 p, 1990.
- SÉGUIN, Anne-Marie. Les quartiers: des lieux de fragmentation? *Cahiers de géographie du Québec*, v. 55, n. 154, 2011.
- SMITH, Neil. Contorno de uma política espacializada: veículos dos sem-tetos e produção de escala geográfica. En: Antonio Arantes, A (org.). *O espaço da diferença*. Campinas, Papirus, 2000.
- SOBREIRO, José, SODRÉ, Ronaldo. A violência no campo da Amazônia: análise de dados sobre assassinatos, ameaças e perfis dos assassinados. En: MELO, Silas, Yata Anderson Gonzaga MASULLO, CARVALHO, Dionatan. (Org.). *Crime e Território: estudos e experiências em políticas públicas de segurança pública*. São Luís: IMESC, 2021, v. 1, p. 63-79, 2021.
- SOTO, Paula. Repensar las prácticas espaciales: rupturas y continuidades en la experiencia cotidiana de mujeres urbanas de la ciudad de México. *Revista Latino-americana de Geografía e Género*, Ponta Grossa, v.4, n.2, p. 2-12, 2013.
- SOUZA, Marcelo Lopes. *A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- SOUZA, Marcus-Vinicius. Entre a lógica da necessidade e a de mercado: cenários recentes da produção do espaço urbano no núcleo cidade nova, Marabá (PA). *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n.36, v.1, p.99-115, jan./jul, 2014.
- SOUZA, Marcus-Vinicius. *O projeto ALPA e a produção do espaço urbano em Marabá (PA): a cidade-mercadoria e as desigualdades socioespaciais* (tesis de doctorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil, 2015.
- SOUZA, Marcus-Vinicius, LEITE, Myrelly, PAIXÃO, Karleison. Produção do espaço urbano e desigualdades socioespaciais no sudeste paraense: análise comparativa do PMCMV em Marabá e Parauapebas. *Anais do XVIII Enanpur*, Natal, 27-31 de maio, 2019.
- SPOSITO, Maria Encarnação, GÓES, Eda. *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. São Paulo: Editora Unesp, 359 p, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação, ELIAS, Denise, SOARES, Beatriz (org.) *Marabá e Los Angeles: Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 329 p, 2016.

SPOSITO, Maria Encarnação. Fragmentação, fragmentações. *XVI Simpurb*, Vitória, del 14 al 17 de noviembre de 2019, 2019.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro. Cidades na floresta: os “grandes objetos” como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 51, p.113-137, 2010.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro. Cidades médias na Amazônia Oriental: das novas centralidades à fragmentação do território. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 13, nº 2, 2011.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro. Cidades e centralidades urbanas na Amazônia: dos diferentes ordenamentos territoriais ao processo de urbanização difusa. *Cidades*, Vol.12, n. 21, p.305-335, 2015.

VIDAL, Laurent. Les mots de la ville au Brésil. Un exemple: la notion de fragmentation. *Cahiers des Amériques Latines*, n.18, p.161-181, 1995.